

## PERFIL DOS IDOSOS COM DIABETES MELLITUS RESIDENTES EM JOÃO PESSOA – PB

Karoliny Rodrigues do Nascimento<sup>1</sup>  
Maria Eduarda Bezerra Lopes<sup>2</sup>  
Josefa Caetano da Silva<sup>3</sup>  
Allan Batista Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O Diabetes Mellitus (DM) está entre os agravos crônicos mais importantes no mundo, prevalecendo principalmente entre idosos. Á vista disso, o presente estudo tem por objetivo, verificar o perfil dos idosos diagnosticados com DM, residentes na cidade de João Pessoa, na Paraíba, em 2017. Os dados foram coletados na base de dados do VIGITEL, onde foram consideradas apenas as entrevistas realizadas em João Pessoa, de Janeiro a Dezembro de 2017. Do total de 181 idosos entrevistados, diagnosticados com DM, 122 (67,4%) eram mulheres, 83 (45,9%) tinham entre 60 a 69 anos, 78 (43,1%) eram casados, 107 (59,1%) estudaram 9 anos ou mais e 97 (54,5%) não eram de raça branca. Sobre o consumo de álcool, 44 (24,3%) ingeriam bebida alcoólica, sendo que 52,3% consumiam de 1 a 2 dias na semana. Quanto aos tabagistas, 5% eram fumantes, e destes, 1,1% utilizavam mais de 20 cigarros por dia. Deste modo, concluiu-se que o perfil epidemiológico de idosos com DM, deu-se na faixa etária dos 60 a 69 anos do sexo feminino, visto que as mulheres possuem uma maior preocupação com a saúde, procurando com maior frequência os serviços de saúde. Observou-se também que muitos idosos não possuíam o hábito do consumo de álcool e tabaco. Entretanto, fazem-se necessárias orientações sobre a doença e cuidados contínuos por meio da atenção primária aos portadores, pois a terapêutica para muitos representa um desafio por requerer mudanças de hábitos e estilo de vida.

**Palavras-chave:** Idoso, Diabetes Mellitus, Perfil Epidemiológico.

### INTRODUÇÃO

O Diabetes Mellitus (DM) está entre os agravos crônicos mais importantes para a saúde pública no mundo, graças a sua alta morbidade e potencial de risco para doenças cardiovasculares e cerebrovasculares. Predominantemente, este agravo está relacionado ao sedentarismo e estresse urbano, sendo sua prevalência, ainda maior entre os idosos. Segundo a Sociedade Brasileira de Diabetes em 2019, no Brasil a população estimada de pessoas com diabetes era de 13 milhões, ocupando o 4º lugar no ranking mundial (LIMA; VASCONCELOS, 2020).

---

1 Graduanda do Curso de Enfermagem da Uninassau João Pessoa, [karoliny.nascimento@gmail.com](mailto:karoliny.nascimento@gmail.com);

2 Graduanda do Curso de Enfermagem da Uninassau João Pessoa, [lopeseduarda430@gmail.com](mailto:lopeseduarda430@gmail.com);

3 Graduanda do Curso de Enfermagem da Uninassau João Pessoa, [josefacaetano.enfermagem@gmail.com](mailto:josefacaetano.enfermagem@gmail.com);

4 Doutorando em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Professor do Curso de Enfermagem da Uninassau João Pessoa, [allandobu@gmail.com](mailto:allandobu@gmail.com).

O crescimento populacional, a melhoria no acesso aos serviços de saúde e a ampliação da expectativa de vida têm contribuído para o aumento da população idosa, e em paralelo, para o aumento dos casos de diabetes. Mundialmente, a prevalência em pessoas entre 60 e 79 anos é de 18,6%, totalizando mais de 134,6 milhões de pessoas, sendo 35% destes casos em pessoas adultas. Em território brasileiro, a Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, comprovou uma prevalência para este agravo de aproximadamente 20% entre pessoas com mais de 65 anos, contabilizando um contingente superior a 3,5 milhões de indivíduos (BORBA et al., 2019).

O diabetes é caracterizado pela deficiência na produção ou secreção de insulina, ou pela incapacidade deste importante hormônio exercer sua função. Esse quadro é caracterizado por hiperglicemia, quase sempre crônica, e associado a distúrbios metabólicos dos carboidratos, proteínas e lipídios. Para o metabolismo da glicose ocorrer de maneira efetiva, é necessário a presença da insulina em quantidades adequadas (MOREIRA; DANTAS, 2019).

Além das mudanças fisiológicas, as mudanças demográficas e epidemiológicas também corroboram para o aumento das doenças crônicas na população, que em suma, estão associadas à incapacidade de realizar atividades cotidianas e comprometimento da qualidade de vida da pessoa idosa. Portanto, esse perfil exige maior atenção e atuação dos serviços de saúde objetivando reduzir o impacto que estes agravos têm na qualidade de vida desse grupo etário (BERNARDES et al., 2019). Nesta perspectiva, objetivou-se com este estudo, verificar o perfil dos idosos diagnosticados com DM, residentes na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba, segundo inquérito telefônico realizado no ano de 2017.

## **METODOLOGIA**

Em razão de a pesquisa ter como objetivo realizar uma análise a cerca do perfil dos idosos com DM residentes em João Pessoa, optou-se por realizar um estudo ecológico de abordagem quantitativa através de coleta de dados na base do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico – VIGITEL ([http://svs.aids.gov.br/bases\\_vigitel\\_viva/vigitel.php](http://svs.aids.gov.br/bases_vigitel_viva/vigitel.php)), utilizando dados pertencentes às entrevistas referentes a João Pessoa, entre Janeiro e Dezembro de 2017.

O VIGITEL, estabelecido desde 2006, constitui o sistema de Vigilância de Fatores de Risco de Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT) do Ministério da Saúde, associadamente com inquéritos telefônicos domiciliares e escolares, dessa forma

continuamente vem fornecendo informações através de monitoramento da frequência e a distribuição das DCNT nas capitais dos 26 estados e Distrito Federal que compõe o Brasil (BRASIL, 2018).

Em João Pessoa, no ano de 2017, foram realizadas 2.063 entrevistas, sendo 891 com idosos. Desse modo, a pesquisa tem seu estudo voltado para os idosos que referiram serem diabéticos, de acordo com diagnóstico médico.

Além disso, por meio da base de dados do VIGITEL foram apurados dados sociodemográficos (faixa etária, estado civil, grau de escolaridade, sexo, raça/cor da pele); informações sobre frequência do consumo de álcool e tabagismo pelos idosos diagnosticados com DM, assim como em relação a autoavaliação do estado de saúde e a adesão ao tratamento.

Posteriormente os dados foram inseridos no programa *Microsoft Office Excel* e submetidos ao software *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20, onde houve o levantamento das informações e averiguação descritiva que foram expostas através de tabelas e gráficos para serem discutidas.

É importante salientar que em conformidade com a Resolução n°466/12 e a n° 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, será dispensável a necessidade de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, por razão dos dados da pesquisa serem secundários, de domínio público e sem identificação dos participantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O VIGITEL via inquérito telefônico, entrevistou entre janeiro e dezembro de 2017, 181 idosos diagnosticados com DM residentes em João Pessoa, no estado da Paraíba. Deste quantitativo, observou-se que os indivíduos eram predominantemente, do sexo feminino (67,4%), tinham entre 60 e 69 anos (45,9%), encontravam-se casados legalmente (43,1%), possuíam grau de escolaridade de 9 anos ou mais (59,1%) e não eram de raça branca (54,5%), conforme apresentado na tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização dos idosos diagnosticados com DM, residentes em João Pessoa, Paraíba, 2017.

<b>Sexo</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Masculino	59	32,6%
Feminino	122	67,4%
Total	181	100%
<b>Faixa etária</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
60 a 69 anos	83	45,9%
70 a 79 anos	68	37,6%
80 anos ou mais	30	16,6%
Total	181	100%
<b>Estado civil</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Solteiro	17	9,4%
Casado legalmente	78	43,1%
União estável	7	3,9%
Viúvo	64	35,4%
Separado	13	7,2%
Não quis responder	2	1,1%
Total	181	100%
<b>Escolaridade</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Menos de 1 ano	10	5,5%
1 a 4 anos	35	19,3%
5 a 8 anos	29	16%
9 anos ou mais	107	59,1%
Total	181	100%
<b>Raça/ Cor da pele</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Branca	81	45,5%
Não branca	97	54,5%
Total	178	100%

Fonte: VIGITEL, 2017.

Por se tratar de uma epidemia global, o DM representa um significativo desafio para os sistemas prestadores de serviços de saúde. A constante prevalência e incidência da doença no mundo são causadas por fatores como, crescimento e envelhecimento da população e falta de estilos de vida saudáveis em razão do sedentarismo, má alimentação e obesidade (LIRA et al., 2016). O DM é subdividido em Tipo 1; Tipo 2; Diabetes Gestacional e outros tipos específicos de diabetes, sendo o Tipo 2, o responsável por 90% a 95% de todos os casos de

diabetes. Esses casos são configurados pela deficiência relativa de insulina e resistência periférica a esse hormônio (SANTOS et al., 2019).

Segundo Busnelo et al (2019), em sua pesquisa com 222 pessoas com DM, no Rio Grande do Sul, em 2018, foi possível observar que 72% das pessoas eram do sexo feminino, com idade média de 65 anos. Ademais, observou-se como mais prevalente: nível de escolaridade fundamental incompleto (72,5%); cor branca (90,1%); e encontrar-se casado (57,2%). Foi possível analisar que a média de tempo da patologia foi de 10,1 anos e o predomínio de pessoas com mais de 60 anos acometidos com DM2 está entre 15 a 20%. Estima-se, por outros dados, que um em cada quatro indivíduos com mais de 60 anos expressa o DM2.

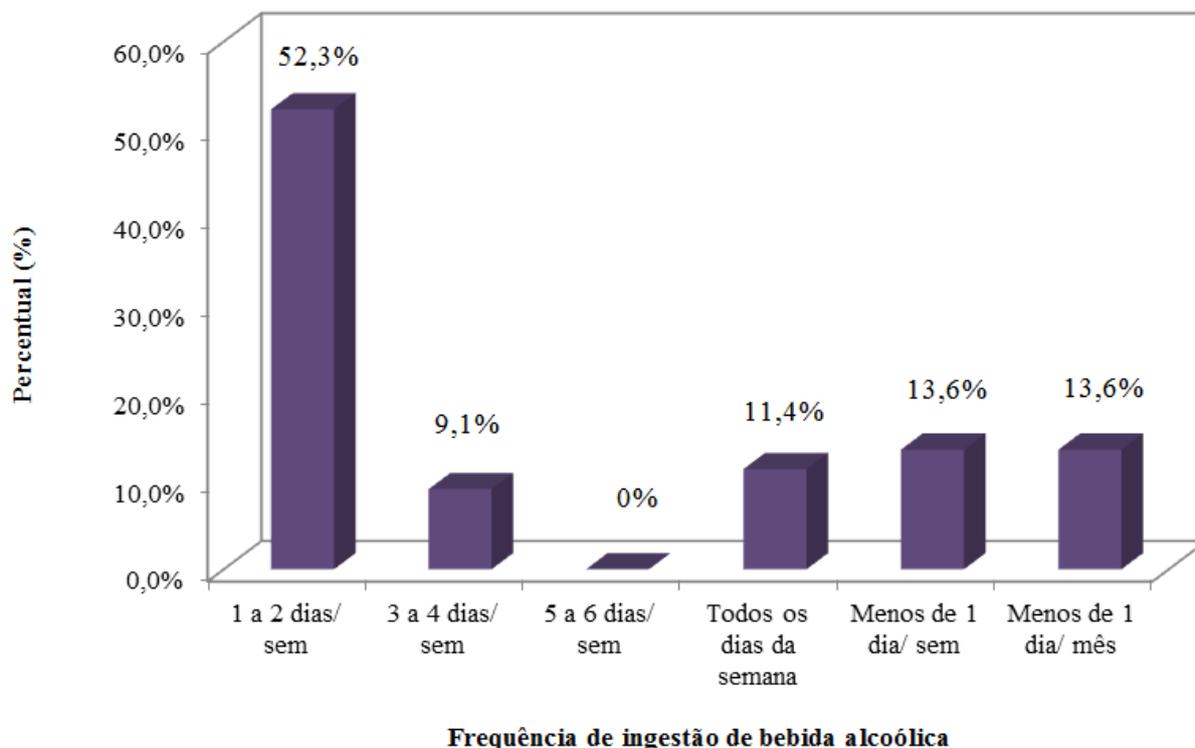
De acordo com Palmeira e Pinto (2015), em sua pesquisa com 4.279 pacientes com DM, no município de Salvador, na Bahia, realizada com os dados secundários do Programa Hiperdia, disponíveis no DATASUS de 2002 a 2012, observou-se que 86% dos diabéticos apresentavam a DM tipo 2 e 14% a DM tipo 1. No geral, constatou-se que o sexo feminino (61,8%) foi o gênero mais acometido.

Observa-se uma maior prevalência de DM tipo 2 em mulheres e acredita-se que este fato esteja associado à maior procura pelos serviços de saúde pelo sexo feminino. Essa relatividade entre os gêneros pode ser atribuída a fatores comportamentais e culturais de saúde, onde muitas vezes, os homens enxergam a patologia como sinal de fragilidade ou têm medo da descoberta de alguma doença grave, se esquivando, portanto, dos serviços de saúde e dificultando os hábitos preventivos entre este grupo (MORAES et al., 2020).

Massa, Duarte e Filho (2019) retrataram que o aumento do grau de escolaridade é reflexo das transformações socioeconômicas vivenciadas pela população idosa na última década e a diminuição da taxa de indivíduos com baixo grau escolar reflete diretamente nos aspectos relacionados à saúde. Apesar de não terem sido observadas associações importantes entre o DM e o grau de instrução escolar, compreende-se que àqueles com menor grau de instrução, tendem a manifestar uma pior percepção do estado de saúde e um maior número de doenças crônicas.

Do total de idosos entrevistados com diagnóstico de DM, 44 (24,3%) ingeriam bebida alcoólica e 137 (75,7%) não. Dentre os que relataram o consumo, a maioria (52,3%) consumia numa frequência de 1 a 2 dias na semana, conforme analisado na Figura 1. Ademais, foi possível observar nos resultados que 5% dos 181 indivíduos da amostra eram fumantes, e deste quantitativo, 1,1% relatou consumir mais de 20 cigarros por dia.

**Figura 1:** Frequência da ingestão de bebidas alcoólicas por idosos diagnosticados com DM, em Joao Pessoa, Paraíba, 2017.



Fonte: VIGITEL, 2017.

Em um estudo realizado com 10.537 idosos, constituintes da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, constatou-se que 57,4% desses idosos eram do sexo feminino, 56,3% tinham idade entre 60 e 69 anos e 53,2% encontravam-se casados. Em comparação ao padrão de ingestão de álcool, os homens se sobressaíam em comparação às mulheres, onde 9,4% expunha consumo leve ou comedido e 4,6% exprimia consumo de risco. Dessa forma, a ingestão de álcool pelos idosos é alarmante, pois as modificações fisiológicas referentes à idade podem elevar a receptividade do etanol e assim, diminuir a sua tolerância no organismo, contribuindo para o progresso de efeitos colaterais à saúde (NORONHA et al., 2019).

Em um estudo realizado no Ambulatório de Endocrinologia do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), com 168 idosos diabéticos, em João Pessoa, na Paraíba, no ano de 2016, observou-se que 12 (7,1%) desses diabéticos relataram ser fumantes e 156 (92,9%) não (MELO et al., 2019). De acordo com Reis et al (2019), a preponderância do consumo do tabaco no Brasil é maior em homens (21,6%) do que em mulheres (13,1%), e essa proporção

contínua sendo mantida entre as mulheres, em contrapartida, entre os homens vem diminuindo.

O tabagismo é destacado como um dos grandes problemas de saúde pública mundial. Os portadores de DM2 que são fumantes possuem uma maior probabilidade de obterem complicações como doenças renais e síndrome metabólica, pois o tabaco pode interferir na absorção da glicose pelas células, causando uma maior resistência à insulina. Portanto, é importante que os diabéticos fumantes sejam constantemente orientados a abandonarem o tabaco (LUCENA et al., 2019).

Desse modo, para a atenção primária, o cuidado ao paciente diabético é considerado um desafio, pois muitos idosos abandonam o tratamento medicamentoso e não se adaptam as mudanças do estilo de vida, dificultando o acompanhamento contínuo para o monitoramento da doença. Mesmo que muitos dos portadores tenham conhecimentos adequados sobre os cuidados básicos da terapêutica, fazem-se necessárias as mudanças nos hábitos e estilos de vida (YOSHIDA; ANDRADE, 2016).

O consumo excessivo de álcool e tabaco no decorrer do envelhecimento, são fatores que podem influenciar alterações no organismo, aumentando o risco da população idosa adquirir doenças crônicas não transmissíveis. Nesta perspectiva, a atenção primária vai promover ações de prevenção, promoção, detecção, tratamento, monitoramento, gerencia do cuidado e manejo dos agravos da doença, evitando assim, o agravamento da DM nesse grupo etário (SILVA et al., 2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por se tratar de uma doença onde ocorre interferência no hormônio que é responsável por controlar a glicose no sangue, o DM traz uma série de complicações para os idosos, principalmente para aqueles que frequentemente consomem bebida alcoólica e para os que são tabagistas, uma vez que esses hábitos influenciam significativamente no agravamento da doença. Contudo, o presente estudo expôs que o perfil epidemiológico de idosos com DM na cidade de João Pessoa ocorre na faixa etária dos 60 a 69 anos, do sexo feminino, visto que as mulheres possuem uma maior preocupação com a saúde, levando assim a procurarem com mais frequência os serviços de saúde. Observou-se também que muitos idosos não possuem o hábito do consumo de álcool e tabaco. Entretanto, por ser considerada uma epidemia mundial, os portadores de DM necessitam de orientações e cuidados contínuos, principalmente âmbito

da atenção primária, onde é possível estimular de forma mais próxima as mudanças de hábitos e estilo de vida.

## REFERÊNCIAS

BERNARDES, G. M. et al. Perfil de multimorbidade associado à incapacidade entre idosos residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 5, p. 1853-1864, 2019.

BORBA, A. K. O. T. et al. Conhecimento sobre o diabetes e atitude para o autocuidado de idosos na atenção primária à saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 1, p. 125-136, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico**. 2018. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/25/vigitel-brasil-2018.pdf>>. Acesso em: 27 de Julho de 2020.

BUSNELO, E. D. S. et al. Perfil epidemiológico de pessoas com diabetes mellitus atendidas nas estratégias saúde da família. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 8, n. 2, p. 85-97, 2019.

DANIELLE, G. D. L. et al. Fatores associados à taxa de filtração glomerular em pacientes com diabetes mellitus tipo 2 atendidos em hospital universitário no nordeste do Brasil. **Revista Nutrição Clínica y Dietética Hospitalaria**, v. 36, n. 2, p. 111-123, 2016.

LUCENA, A. C. R. M. et al. Aspectos facilitadores e dificultadores no abandono do tabagismo entre pessoas com Diabetes Mellitus tipo 2. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, 2019.

MASSA, K. H. C; DUARTE, Y. A. O; FILHO, A. D. P. C. Análise da prevalência de doenças cardiovasculares e fatores associados em idosos, 2000-2010. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 1, p. 105-114, 2019.

MELO, E. G. et al. Perfil sociodemográfico e clínico de idosos com diabetes. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 13, n. 3, p. 707-14, 2019.

MORAES, H. A. B. Fatores associados ao controle glicêmico em amostra de indivíduos com diabetes mellitus do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto, Brasil, 2008 a 2010. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 3, 2020.

NETA, M. A. L; VASCONCELOS, M. I. O. Diagnóstico situacional de idosos com diabetes mellitus em um município do interior do Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 1, 2020.

NORONHA, B. P. et al. Padrões de consumo de álcool e fatores associados entre idosos brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde (2013). **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 11, p. 4171-4180, 2019.

PALMEIRA, C. S; PINTO, S. R. Perfil epidemiológico de pacientes com Diabetes Mellitus em salvador, Bahia, Brasil (2002-2012). **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 29, n. 3, p. 240-249, 2015.

REIS, L. M. et al. Uso de tabaco em mulheres acompanhadas em um centro de atenção psicossocial. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 27-34, 2019.

SANTOS, S. D. et al. Atividades de autocuidado em pessoas com Diabetes Mellitus tipo 2. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 13, 2019.

SILVA, S. S. et al. Uso de serviços de saúde por diabéticos cobertos por plano privado em comparação aos usuários do Sistema Único de Saúde no Município de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 32, n. 10, 2016.

YOSHIDA, V. C; ANDRADE, M. G. G. O cuidado à saúde na perspectiva de trabalhadores homens portadores de doenças crônicas. **Revista Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 58, p. 597-610, 2016.